

O Esclarecimento na Sociedade da Informação Andréa Maria Carneiro Lobo Socudo

Resumo

O texto investiga sobre o significado do termo "sociedade do conhecimento" relacionado ao contexto social e tecnológico atual, enfatizando a diferença entre conhecimento e informação a partir do conceito de esclarecimento de Immanuel Kant.

Abstract

The text investigates about the meaning of the term "knowledge society" related to social context and current technological, emphasizing the difference between knowledge and information from the concept of clarification of Immanuel Kant.

Palavras-chave

Informação – Esclarecimento - Conhecimento

Keywords

Information - Clarification – Knowledge

Esclarecimento e Liberdade

No final do século XVIII, o filósofo alemão Immanuel Kant, em texto intitulado “Que é esclarecimento” afirmava: esclarecimento é a capacidade de um indivíduo de se libertar de sua menoridade auto-imposta. E essa menoridade diz respeito à incapacidade de pensar por si mesmo, relacionada, em grande parte, segundo o autor, à covardia e à preguiça: é muito mais cômodo ser menor. Se tenho alguém que pensa por mim, porque irei me esforçar para pensar?

A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma tão grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma direção estranha (*naturaliter maiorennnes*), [grifos no original] continuam no entanto de bom grado menores durante toda a vida. São também as causas que explicam porque é tão fácil que os outros se constituam em tutores deles. É tão cômodo ser menor. Se tenho um livro que faz as vezes de meu entendimento, um diretor espiritual que por mim tem consciência, um método que por mim decide a respeito de minha dieta, etc., então não preciso esforçar-me eu mesmo. Não tenho necessidade de pensar, quando posso simplesmente pagar; outros se encarregarão em meu lugar dos negócios desagradáveis. (KANT, 2005, p. 64).

Sair da “menoridade”, pensar por si próprio, sem a necessidade de tutores que determinem o curso do nosso pensamento: um ato de coragem, no

tempo de Kant e no nosso. A principal dificuldade reside no fato de que, em um contexto isento de liberdade, pensar de forma autônoma torna-se um desafio constante, especialmente porque a grande maioria sente-se segura sob a guarda de tutores que, de bom grado, domesticaram as massas, chamando-lhes constantemente a atenção para os perigos de um pensamento emancipado:

A imensa maioria da humanidade (...) considera a passagem à maioridade difícil e além do mais perigosa, porque aqueles tutores de bom grado tomaram a seu cargo a supervisão dela. Depois de terem primeiramente embrutecido seu gado doméstico e preservado cuidadosamente estas tranqüilas criaturas a fim de não ousarem dar um passo fora do carrinho para aprender a andar, no qual as encerraram, mostram-lhes em seguida o perigo que as ameaça se tentarem andar sozinhas. (KANT, 2005, p. 64)

Em um ambiente intelectual marcado pelo avanço dos ideais iluministas, Immanuel Kant declarava: é possível que um público se torne esclarecido, e se lhe for concedida a liberdade, isso é quase inevitável. Isso porque, segundo o autor, sempre existirão indivíduos entre as grandes massas domesticadas, capazes de pensar autonomamente e de espalhar em torno de si a centelha da vocação racional existente em todo ser pensante, vocação que o predispõe senão para a maioridade.

No entanto, é possível que esse mesmo público, outrora conduzido ao jugo, venha a se rebelar contra quem pense diferente, pois tal postura incomoda, uma vez que leva a questionar, desassossega. Segundo Kant, revoluções podem provocar a queda de despotismos, mas não necessariamente provocarão reformas no modo de pensar das pessoas uma vez que *esta* revolução pressupõe o pensar autônomo, algo que só ocorre quando se dá o pleno exercício da vocação racional. Não há esclarecimento se não houver liberdade, mas de que liberdade Kant está falando? “... a de fazer um *uso público* [grifo no original] de sua razão em todas as questões” (KANT, 2005, p.65)

Mas eis, segundo o filósofo, o aspecto mais complexo da questão: a liberdade do uso público da razão, em diferentes questões, é justamente o que os tutores não querem que os homens façam: “Ouço, agora, porém, exclamar de todos os lados: *não raciocineis!* [grifos no original]. O oficial diz: não

raciocineis, mas exercitai-vos! O financista exclama: não raciocinei, mas pagai! O sacerdote proclama: não raciocineis, mas crede!” (KANT, 2005, p. 65)

Só o esclarecimento permite o pleno desenvolvimento da liberdade que, em sua essência, é a liberdade de fazer o uso público da razão. Não há esclarecimento sem liberdade e esta não avança sem o esclarecimento.

Sociedade da Informação ou do Conhecimento?

Em que sentido as ideias de Kant sobre a relação entre a liberdade e o esclarecimento se relacionam com a nossa própria época? Afinal, o “filósofo das mídias” Norbert Bolz, chegou a afirmar que vivemos no contexto de um verdadeiro “Big Bang do conhecimento” uma vez que este se alastra, nas sociedades ocidentais, à velocidade da luz, graças, sobretudo, ao avanço das mídias digitais. Para o teórico alemão, o contexto situado entre o final do século XX e o início do nosso século já poderia ser caracterizado como sendo uma “sociedade do conhecimento”. Se este é o contexto, significaria então que nos tornamos cada vez mais livres e esclarecidos? Afinal, nunca tantas pessoas tiveram acesso a tantos dados e de maneiras tão diversificadas como em nossa época.

De acordo com o sociólogo e ensaísta alemão Robert Kurz, o problema é que teóricos como Bolz confundem conhecimento com informação. O que estaríamos vivendo seria um contexto permeado pela produção e circulação de informações a níveis jamais imaginados. Um grande número de dados, sendo produzidos a todo o momento, em diferentes instâncias, por diferentes instituições, personagens e sobre os mais variados assuntos e temas. Esse mesmo gigantesco volume de informações circulando, sendo recebido, repassado, articulado, alterado e descartado na mesma velocidade em que é produzido.

Elucidativo é talvez o fato de que o conceito da ‘sociedade do conhecimento’ esteja sendo usado mais ou menos como sinônimo do de ‘sociedade da informação’. Vivemos numa sociedade do conhecimento porque somos soterrados por informações. Nunca antes houve tanta informação sendo transmitida por tantos meios ao mesmo tempo. Mas esse dilúvio de informações é de fato idêntico a conhecimento? Estamos

informados sobre o caráter da informação? Conhecemos afinal que tipo de conhecimento é esse? (KURZ, 2009, p.1)

O fenômeno da produção e circulação de informações se intensificou, sem dúvida, com a disseminação da internet, e com ela, toda uma gama de novas possibilidades de estabelecer contatos com dados e pessoas - próximas ou distantes, conhecidas ou não, tanto por intermédio de contas em correios eletrônicos quanto por meio das redes sociais de relacionamento virtual -. Novas estratégias de comunicação e novas ferramentas de acesso, produção e circulação de informações. Eis alguns dos mais significativos elementos da chamada “sociedade do conhecimento”.

Sem dúvida, o crescimento daquilo que Pierre Lévy no final da década de 1990 denominou como “ciberespaço” contribuiu sobremaneira para a disseminação de formas de comunicação bastante diferentes daquelas até então propiciadas por intermédio das mídias clássicas (como a televisão e o rádio): são estratégias mais dinâmicas, mais interativas e com as quais os mais jovens são de longe os mais familiarizados.

O mesmo Pierre Lévy falava já no final do século passado de uma “cibercultura” se constituído no bojo dessas novas formas de comunicação e produção de informações propiciadas pelo avanço do ciberespaço e das mídias digitais. O crescimento do ciberespaço como suporte, como ambiente propício ao desenvolvimento de uma espécie de “inteligência coletiva” e esta entendida como uma das principais condições de seu próprio desenvolvimento. Um sistema que se retroalimenta daquilo que o constitui, como se cada um de nós, ao interagir com esse ciberespaço se tornasse parte dele, daquilo que o sustenta. Fenômeno complexo e ambivalente, pois segundo Lévy, no bojo do crescimento do ciberespaço desenvolvem-se, nas órbitas das redes digitais interativas, novas formas:

- de isolamento e de sobrecarga cognitiva (estresse pela comunicação e pelo trabalho diante da tela);
- de dependência (vício na navegação ou em jogos em mundos virtuais);
- de dominação (reforços dos centros de decisão e de controle, domínio quase monopolista de algumas potências econômicas sobre funções importantes da rede etc.);

- de exploração (em alguns casos de teletrabalho vigiado ou de deslocalização de atividades no terceiro mundo);
E mesmo de *bobagem coletiva* [grifos no original] (rumores, conformismo em rede ou em comunidades virtuais, acúmulo de dados sem qualquer informação, “televisão interativa”). (LÉVY, 2011, p. 30).

Assim como a expressão “sociedade do conhecimento”, o termo “inteligência coletiva” merece debates intensos, análise criteriosa e crítica. No entanto, a dificuldade reside justamente em tentar entender algo que está acontecendo neste exato momento, algo do qual somos partes ao mesmo tempo constituintes e excluídas.

Ao mesmo tempo em que somos cotidianamente bombardeados por um sem número de informações, torna-se cada vez mais difícil aos indivíduos questionarem-se sobre o sentido e a finalidade de seus atos: o excesso de informações pode alienar, ao invés de esclarecer. Por outro lado, em tempos em que a comunicação e o acesso e troca de informações se dão de forma mais intensa no ciberespaço, estar “fora” desse espaço remete a um tipo de exclusão e isolamento com o quais ainda não sabemos lidar.

Voltamos à pergunta: é esse o caminho da liberdade e do esclarecimento, da forma como o considerava o filósofo Immanuel Kant em fins do século XVIII? Há quem possa argumentar: eram outros tempos, outros valores. Em nosso tempo, o conhecimento se dá pelo acesso à informação, mediante e, sobretudo, as mídias digitais.

No entanto, por que não pensar que essa dependência da tecnologia digital como via de acesso à informação, comunicação, relacionamento e entretenimento se constitua também como uma ameaça à liberdade de manifestação do uso público da nossa razão? A necessidade de estar constantemente atualizado em relação às ferramentas digitais e tecnológicas não pode ser considerada um indício de uma forma de dominação?

Segundo Robert Kurz, estamos nos tornando cada vez mais parecidos às “funções” que desempenhamos e elas dizem respeito a meramente responder, de forma mecânica e irrefletida, a “sinais” técnicos, sociais e econômicos.

Em outras palavras, a questão do sentido e da finalidade dos próprios atos de cada um se torna quase impossível. Se os indivíduos se tornam idênticos a suas funções condicionadas, eles deixam de estar em condições de questionar a si mesmos ou ao ambiente que os cerca. Estar "informado" significa então estar totalmente "em forma", formado pelos imperativos de sistemas de sinais técnicos, sociais e econômicos; para funcionar, portanto, como a porta de comunicação de um circuito complexo. E mais nada. (KURZ, 2009, p.4)

Por isso o autor questiona a denominação “Sociedade do Conhecimento” para designar os tempos atuais. Segundo ele, vivemos numa “Sociedade da Informação” e não do conhecimento.

Elucidativo é talvez o fato de que o conceito da "sociedade do conhecimento" esteja sendo usado mais ou menos como sinônimo do de "sociedade da informação". Vivemos numa sociedade do conhecimento porque somos soterrados por informações. Nunca antes houve tanta informação sendo transmitida por tantos meios ao mesmo tempo. Mas esse dilúvio de informações é de fato idêntico a conhecimento? Estamos informados sobre o caráter da informação? Conhecemos afinal que tipo de conhecimento é esse? (KURZ, 2009,p.3)

Mas, afinal, acúmulo de informações não produz conhecimento? Segundo KURZ, não. Especialmente porque uma grande parte das informações que nos bombardeiam por inúmeros e diferentes meios dizem respeito a dados que não instigam à reflexão, o debate, a crítica, a formação e amadurecimento de posições. E outra parcela significativa dessas informações, diz respeito às ações que devemos desempenhar para poder responder de forma eficiente aos sinais da parafernália tecnológica que nos cerca e que está em constante atualização:

... Ao que parece, a vida social e intelectual na sociedade do conhecimento – aliás, da informação – deve ser levada a um caminho de comportamento que corresponda a um sistema de reflexos condicionados: estamos sendo reduzidos àquilo que temos em comum com cães, pois o esquema de estímulo-reação dos reflexos tem tudo a ver com o conceito de informação e "inteligência" da cibernética e da informática. O conjunto de nossas ações na vida é cada vez mais monitorado por dígitos, trilhas, clusters e sinais de todo tipo. Esse conhecimento de sinais, o processamento reflexo de informações, não é, porém, exigido somente no âmbito tecnológico, mas também no mais elevado nível social e econômico. Assim, por exemplo, se é como se diz, os governos, os "managers", os que têm uma ocupação, enfim todos devem permanentemente observar os "sinais dos mercados". Esse conhecimento miserável de sinais não é, na verdade, conhecimento nenhum. Um mero reflexo não é, afinal, nenhuma reflexão intelectual, mas seu exato contrário. Reflexão significa não apenas que alguém funcione, mas também que esse alguém possa refletir "sobre" a tal função e lhe questionar o sentido. (KURZ, 2009, p. 2)

Quantas e quais as informações necessitamos todos os dias para nos mantermos em consonância com as inovações tecnológicas que perpassam a nossa existência? Um exemplo: as informações de que dispúnhamos para acionar um aparelho de telefone celular há cinco anos não são suficientes para realizar essa mesma ação (ou seria função?) hoje. Em que isso nos deixou mais esclarecidos, mais éticos? Qual a finalidade de grande parte das informações que nos chegam, quer seja através das mídias digitais quer seja através da mídia impressa ou televisiva, todos os dias? O esclarecimento ou a mera atualização? Estar “atualizado” significa, necessariamente, ser mais sábio? Ou ainda: mais esclarecido?

Uma nova estratégia de controle?

Já há quem aponte que o “suporte biológico” formatado nos primórdios do aparecimento do Homo sapiens sapiens (há pelo menos 100 mil anos) esteja se tornando “obsoleto”, incapaz de dar conta dessa nova realidade.

A filósofa argentina Paula Sibilia, em um livro provocativo intitulado “O homem pós-orgânico”, destaca: segundo alguns expoentes da chamada “techo-arte” (entre eles Eduardo Kac e Roy Ascott) para se manter como protagonista das trocas comunicacionais, características do tempo atual, o corpo humano precisa ser “atualizado”, virtualizado, um organismo totalmente e o tempo todo conectado, que possa extrapolar seus limites espaciais e suas limitações orgânicas, estendendo-se pelas redes teleinformáticas. (SIBILIA, 2002, p. 57).

Não estaríamos vivendo em função de nossas máquinas? Não estaríamos nos tornando “seus humanos” ? Agindo por reflexo, respondendo a sinais, sem tempo para reflexão, nem ao mesmo para questionar: precisamos realmente de tudo isso? Afinal, do que precisamos?

O fato de se viver em um mundo permeado pela tecnologia da informação não significa necessariamente ser mais esclarecido: o esclarecimento pressupõe a capacidade de analisar e avaliar criticamente o mundo que nos cerca. Muitas vezes, o excesso de informações nos impede de

realizar esse exame crítico. Acaba nos alienando, e nem nos damos conta disso.

Somos esclarecidos? Somos livres? Em que consiste o conhecimento? Propiciar espaços para questionamentos dessa ordem, que dizem respeito a pontos fundamentais do ser e do existir, em qualquer época, é essencial para o livre e pleno exercício da nossa razão, é parte do processo de constituição da nossa maioria intelectual, do nosso esclarecimento e da nossa liberdade.

Referências

LÈVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 3 ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____. **As tecnologias da inteligência**. O futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2 ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**. Corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

KURZ, Robert. **A ignorância da sociedade do conhecimento**. Tradução de Marcelo Rondinelli. Disponível em: <<http://obeco.planetaclix.pt/rkurz95.htm>>. Acesso em: 30 jul. 2009.

KANT, Immanuel. Resposta a pergunta: que é “esclarecimento”? In: _____. **Textos seletos**. Tradução de Floriano da Sousa Fernandes. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

Andréa Maria Carneiro Lobo Socudo. Graduada, Especialista e Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná. Doutoranda em História pela mesma Instituição. Autora de livros didáticos para o Ensino Médio, Fundamental e EJA de História e Filosofia. Autora de livros de História e Filosofia EAD. Editora de materiais didáticos de História. Professora de Introdução à Filosofia do Curso de Direito da Unibrasil. Área de estudo: História do Pensamento Ocidental.

Email: andrealobo27@gmail.com.

Telefones: (41) 3085-5753 – Residencial; (41) 9828-2074 – celular.

Endereço: Rua Francisco Lourenço Johnscher, 920. Casa 19. Bairro:
Boqueirão, Curitiba. PR.
CEP: 81750-300